

DESENVOLVIMENTO DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA A ESTIMULAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA – DISLEXIA

FRANÇA, Gustavo ¹

CLARO, Genoveva Ribas ²

RESUMO

A dislexia do desenvolvimento, se configura como um transtorno específico da aprendizagem que afeta sobretudo a linguagem do sujeito, seja ela oral ou escrita, pode apresentar ainda outras comorbidades durante o diagnóstico, neste sentido, estes alunos possuem dificuldades nas questões da consciência fonológica, portanto, este trabalho busca como objetivo compreender os benefícios de um programa de estimulação da consciência fonológica em pré-escolares com transtornos de aprendizagem de leitura e escrita, este objetivo ainda suscita a necessidade de uma indagação de pesquisa, que se dá por meio da resposta da seguinte questão: de que forma o desenvolvimento de um programa de estimulação de consciência fonológica, poderá contribuir com a aprendizagem da língua oral e escrita por crianças disléxicas?. A metodologia da pesquisa deste trabalho se pauta em uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa.

Palavras-chave: Dislexia, Consciência fonológica, estimulação, leitura, escrita.

INTRODUÇÃO

A dislexia do desenvolvimento, afetam inúmeras pessoas, sejam elas estudantes ou não, contudo, em virtude do diagnóstico precoce, está acabando sendo mais visível nos escolares, onde apresentam grandes dificuldades no processo de leitura e escrita. Partindo deste pressuposto, os escolares acometidos pela dislexia, apresentam um desvio no processo de aprendizagem da linguagem, decodificação e compreensão daquilo que está escrito, bem como dificuldades no processo de leitura.

Este trabalho, justifica-se em dois âmbitos, o primeiro, pauta-se na perspectiva acadêmica, pois espera-se contribuir, com uma proposta de intervenção de forma interdisciplinar, com o foco na consciência fonológica dos estudantes disléxicos, tendo uma visão macro dos profissionais envolvidos neste processo.

¹ Professor e estudante do curso de Bacharelado em Psicopedagogia do Centro Universitário Internacional UNINTER.

² Professor orientador do Centro Universitário Internacional Uninter.

O segundo âmbito é o social, espera-se que com esta pesquisa, novos olhares podem se voltar para este tema que precisa ser avaliado, estudado e revisitado com frequência, com o intuito de se desenvolver novos postulados e protocolos de intervenção para minimizar a sintomática deste transtorno de aprendizagem. A luz do que foi dito, este trabalho busca como problema de pesquisa, compreender de que forma o desenvolvimento de um programa de estimulação de consciência fonológica, poderá contribuir com a aprendizagem da língua oral e escrita por crianças disléxicas?

Partindo do problema de pesquisa, surge então o objetivo geral do trabalho, que busca compreender os benefícios de um programa de estimulação da consciência fonológica em pré-escolares com transtornos de aprendizagem de leitura e escrita. Este objetivo geral, se desdobra em objetivos específicos, que serão cumpridos a medida em que a fundamentação teórica desta pesquisa for construída

Sendo: (a) Apresentar e compreender o que são os distúrbios de aprendizagem específicos de leitura e as principais influências na vida dos sujeitos; (b) Compreender de que forma as variações na consciência fonológica se relacionam com a aprendizagem da leitura e escrita; (c) Propor um programa de desenvolvimento e estimulação da consciência fonológica para pré-escolares que apresentam transtorno da leitura e escrita – dislexia e (d) Avaliar e comparar os dados iniciais e finais do programa de estimulação de consciência fonológica e apresentar os benefícios deste.

Para o cumprimento do objetivo, faz-se necessário o estabelecimento de uma metodologia para um artigo científico se configura de maneira muito eficaz, pois esta deixará claro quais são os passos e os caminhos adotados para que o trabalho chegasse à sua etapa de concretude.

Nesta concepção, Servo, Brevian e Silva (2007) afirmam que o conhecimento científico vai além do empírico, busca compreender diversas perspectivas, como por exemplo, o que consta no objeto de estudo: organização, estrutura, funcionamento e sua composição.

Lakatos (2003) endossa acerca do método científico que toda ciência aplica um método, contudo, nem todo ramo de estudo que aplica o método é uma ciência. Neste contexto, o autor ainda afirma que o método científico se configura como diversos elementos das atividades que são sistemáticas e de

cunho racional que com maior segurança, fazem com que o pesquisador consiga chegar aos objetivos traçados, traçando a caminhada a ser seguida, apresentando os erros e auxiliando no processo de tomada de decisão do cientista. Nesta visão, Lakatos (2003) afirma que o método científico deverá cumprir ou se propor a cumprir as seguintes etapas:

a) descobrimento do problema ou lacuna num conjunto de conhecimentos. Se o problema não estiver enunciado com clareza, passa-se à etapa seguinte; se o estiver, passa-se à subsequente; b) colocação precisa do problema, ou ainda a recolocação de um velho problema, à luz de novos conhecimentos (empíricos ou teóricos, substantivos ou metodológicos); c) procura de conhecimentos ou instrumentos relevantes ao problema (por exemplo, dados empíricos, teorias, aparelhos de medição, técnicas de cálculo ou de medição). Ou seja, exame do conhecido para tentar resolver o problema; d) tentativa de solução do problema com auxílio dos meios identificados. Se a tentativa resultar inútil, passa-se para a etapa seguinte; em caso contrário, à subsequente; e) invenção de novas ideias (hipóteses, teorias ou técnicas) ou produção de novos dados empíricos que prometam resolver o problema; f) obtenção de uma solução (exata ou aproximada) do problema com auxílio do instrumental conceitual ou empírico, a pesquisa é dada como concluída, até novo aviso. Do contrário, passa-se para a etapa seguinte; i) correção das hipóteses, teorias, procedimentos ou dados empregados na obtenção da solução incorreta. Esse é, naturalmente, o começo de um novo ciclo de investigação (LAKATOS, 2003, p. 84 apud BUNGE 1980, p. 25).

Nesta ceara, o método escolhido para esta pesquisa se configura como pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa o que segundo Lakatos (2003), é um apanhado geral sobre as diversas literaturas já publicadas revestidas de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema e que possuem as etapas de escolha, elaboração do plano de trabalho, fichamento, compilação, interpretação, análise e redação.

Partindo desta premissa, as bases bibliográficas utilizadas para a escolha dos autores, foram livros, revistas, periódicos científicos, sendo pesquisadas palavras chaves como “Dislexia do desenvolvimento”, “Consciência fonológica”, “Psicopedagogia” dentre outras, já no que tange os autores, foram utilizadas referências como Carvalho (2017), Fletcher (2009) Schirmer, Fontoura e Nunes (2004), Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016), dentre outros.

Este trabalho, organiza-se em três eixos, ou três capítulos, o primeiro, aborda as questões da dislexia, sua conceituação, etiologia, classificação, e questões que se apresentam em contextos educacionais, o segundo, busca trazer correlações entre a consciência fonológica e a dislexia e o último capítulo,

busca trazer um panorama de desenvolvimento de um programa de estimulação para a consciência fonológica de escolares com transtorno de aprendizagem da linguagem – dislexia.

PANORAMA INICIAL ACERCA DOS TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

É necessário inicialmente, a diferenciação de dificuldades e distúrbios de aprendizagem, tendo em vista que em diferentes literaturas, são utilizados como sinônimos. Essa diferenciação é suscitada em virtude do recorte teórico-metodológico e enfoque desta pesquisa. Por dificuldade de aprendizagem, entende-se situações específicas e transitórias, que afetam o desempenho da aprendizagem escolar do estudante, estas dificuldades, podem ser de ordem familiar, emocional, afetiva ou social. Já os transtornos de aprendizagem, na visão de Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016) são habilidades inespecíficas, de cunho permanente, que precisam de intervenções, Psicológicas, psicopedagógicas, dentre outras, conforme demanda em áreas específicas, como leitura, escrita ou matemática.

Ainda no pensamento de Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016) os transtornos de aprendizagem, nos indivíduos se manifestam em resultados significativamente e de forma substancial abaixo do esperado para seu nível de escolaridade e faixa geracional. É interessante perceber, que transtornos de aprendizagem não são sinônimo de ausência de inteligência isto significa dizer que sua prevalência está em pessoas que possuem inteligência normal, e indefere de Nível socioeconômico e cultural, estes transtornos, já possuem suas classificações em manuais específicos, como o DSM-V e a Classificação internacional de doença – CID-10, contudo, não devemos dar aos transtornos de aprendizagem uma conotação de doença, pelo contrário, precisa-se dar um olhar sensível a uma condição que acomete um sujeito.

É sabido, que os transtornos de aprendizagem, podem estar presentes desde o início do dos estágios do desenvolvimento humano dos sujeitos, tendo em vista que seu comprometimento, acompanha o desenvolvimento e a maturação do Sistema Nervoso Central, portanto, de acordo com Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016, p.108) “Nos transtornos da aprendizagem, os padrões

normais de aquisição de habilidades estão perturbados desde os estágios iniciais do desenvolvimento”

Neste sentido, este estudo, dará um olhar específico, para os transtornos de aprendizagem, no que concerne a dislexia, tendo em vista que entender estes, buscam como princípio, proporcionar um efetivo processo de ensino e aprendizagem para os sujeitos, objetivando a diminuição dos sintomas que acabam causando as habilidades inespecíficas na aprendizagem.

Muitos estudiosos, buscam estudar os transtornos de aprendizagem e sua relação com áreas específicas do cérebro, como exemplo, as contribuições dos médicos, Broca e Wernicke com o estudo das áreas do cérebro responsável pelo desenvolvimento, aquisição, aplicação e compreensão da linguagem.

Pensando por esta concepção, hoje, tem-se inúmeros, transtornos específicos que afetam a linguagem oral e escrita, seja no desenvolvimento, aquisição e compreensão, como exemplo, os transtornos da leitura, que influenciam a fluência, o reconhecimento de palavras, ou ainda, que afetam a questão dos processos de habilidades específicas da escrita, como exemplo, a disgrafia, que na perspectiva de Fletcher (2009, p.263) “advêm de diversos fatores que incluem déficits motores, problemas com a coordenação visuomotora, déficits com a memória visual e o processamento ortográfico [...] uma dificuldade evolutiva na transdução de informações visuais para o sistema motor”.

Ainda, pode-se destacar a disortografia, que também se configura como um transtorno da escrita, onde o sujeito apresenta um conjunto de erros ortográficos, que afetam a palavra e sua grafia, mas não afeta o traçado, ou seja, existem o aparecimento de trocas de letras, sabe-se que nas series iniciais do ensino fundamental, essas trocas são comuns, pois não houve todo o desenvolvimento do processo de relação entre som da palavra e sua expressão escrita, portanto, após este período das séries iniciais e as trocas continuarem, se faz necessária uma avaliação conjunto do que pode estar acontecendo. (CRENITTE,2009 apud VIDERES, 2017).

O transtorno da linguagem que será analisado nesta pesquisa é a dislexia, antes de sua conceituação, faz-se necessária a explanação acerca dos conceitos da linguagem, A língua e a linguagem possuem diferentes funções,

sejam elas sociais, culturais, afetivas, dentre outras. Contudo, todas elas voltam-se para um objetivo único: a comunicação.

De acordo com Garcia, a aquisição da linguagem se embasa em duas teorias distintas, que se contrapõem: a primeira se denomina nativismo, “dá grande importância ao poder inventivo da criança (imaginação). Assim, muito do que ela diz será produto de uma atividade criadora, absolutamente espontânea” (GRACIA, 2019, p. 20) e a segunda é o empirismo, que afirma que a linguagem desenvolvida pela criança se dá pela imitação.

De acordo com Carvalho (2017), a linguagem pode ser classificada como verbal e não verbal, de modo que as palavras se codificam por meio da oralidade ou, ainda, por meio de uma carta, nas concepções das linguagens não verbais. Nesse sentido, a autora ainda endossa que é aquela em que não existe a utilização de palavras, podemos citar, então, as placas de trânsito a Língua Brasileira de Sinais ou, ainda, um semáforo, em que temos as cores e cada cor representa uma ação.

Nesse contexto, ainda na visão de Carvalho (2017), temos ainda a conceituação de língua, que se configura de forma abstrata, utilizando regras da gramática, em que os seres humanos conseguem, de maneira mais fácil, transmitir informações. Podemos dizer, então, que a língua pode se configurar como um idioma de um país, que representa um povo e uma comunidade.

Ainda nesta concepção, é possível perceber que, à medida que a criança vai ganhando maturidade cronológica e neurológica, vai aprendendo e elaborando novas formas de linguagem, contudo, pode ser que alguns desvios aconteçam em virtude de uma série de inúmeros fatores, podendo, então, serem anatômicos, fisiológicos ou ainda neurológicos e educacionais; é o que chamamos de distúrbios da fala e da linguagem.

Nesse sentido, Carvalho (2017) apresenta alguns conceitos sobre estes atrasos no processo da linguagem, realizando, então, a conceituação de atraso, na qual a linguagem acontece de forma mais lenta, parecendo com uma criança que está em estágio anterior. Ainda nesta conceituação temos, também, a dissociação, na qual, conforme Carvalho (2017, p.37), “existe uma diferença significativa entre a evolução da linguagem e a das outras áreas do desenvolvimento”. Por fim, o desvio, em que existem anomalias no processo de aquisição, se configurando como distúrbios neurológicos.

No século XIX, vários profissionais, iniciaram os estudos acerca do que hoje chamamos de transtornos da linguagem-oral e escrita, primeiramente, acreditava-se que este problema, era relacionado a questões de problemas visuais, portanto, casos foram tratados por oftalmologistas, denominando o problema de cegueira verbal congênita. Mesmo sabendo que o termo dislexia era utilizado desde o século XVIII, esta denominação, de cegueira verbal, era em virtude da troca constante da letra, despertando então o interesse de outros profissionais, como exemplo, neurologistas, fonoaudiólogos e psicopedagogos. (ALTREIDER, 2016)

No tocante ainda a história da dislexia, este termo foi utilizado na primeira vez em 1872 em Berlin por Kerr (ROTTA e PEDROSO, 2016). Caminhando por esta ceara dos desvios da linguagem seja ela oral ou escrita, surge a dislexia do desenvolvimento, recorrendo a história frente a este transtorno de aprendizagem, foi conhecida ao longo do século XX como cegueira verbal e em outro momento como transtorno da leitura, (FLETCHER, 2009)

Em 1917 o termo é utilizado novamente para designar um paciente, que possuía inteligência normal e preservada mas que possuía a incapacidade de ler e escrever e assim a história da dislexia foi se desenvolvendo, com diferentes estudos ao redor do mundo a título de exemplo, em 1925 nos Estados Unidos, com diversos encaminhamentos de crianças com dificuldades de ler e escrever, 1928, com publicações voltadas para uma perspectiva clínica de que buscava descrever diferentes distorções linguísticas e perceptivas, voltadas para as inabilidades de leitura. (ROTTA e PEDROSO, 2016)

A definição de dislexia enquanto transtorno de aprendizagem, faz valer todos os estudos realizados sobre ela durante os anos e nas suas múltiplas abordagens de estudo, ante a este exposto, entende-se por dislexia, como um transtorno específico de aprendizagem que afeta os aspectos de leitura, escrita, bem como todos os aspectos que estão imbricados no reconhecimento de letras, soletrações de palavras, e um déficit nos aspectos das habilidades fonológicas (TEIXEIRA, 2013). Ainda neste aspecto, Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016, p.135) A dislexia é um transtorno de “disfunções psiconeurológicas associadas, tais como perturbações em orientação, tempo, linguagem escrita, soletração, memória, percepção visual e auditiva, habilidades motoras e habilidades sensoriais relacionadas.”

Pensando por este viés, pode-se perceber um grande impacto nos processos de alfabetização e letramento de escolares, tendo em vista que a dislexia, irá afetar a compreensão de princípios básicos, de pré-leitura e pré-escrita, bem como aspectos que precisam ser memorizados e correlacionados, como exemplo, as questões, fonema-grafema. A Associação brasileira de dislexia, em 2002, adotou a conceituação da dislexia, sendo,

um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. (ABD, 2002, s/p)

Este transtorno, afeta todos os tipos de sujeito, indiferente se possuem deficit cognitivo, ou não, indiferente de renda, cor dentre outros aspectos socioculturais, econômicos e financeiros, a Associação Brasileira de Dislexia, por meio de seus dados, ofertou a comunidade acadêmica e não acadêmica, gráficos de sujeitos que foram avaliados, dentre os resultados, apontaram que 40% destes sujeitos, foram diagnosticados com dislexia, dentro deste quantitativo, 33% é do sexo feminino e 67 do sexo masculino, ou seja, percebe-se uma tendência maior do transtornos em sujeitos do sexo masculino, e o que por sua vez, faz pensar, que em grande parte, percebe-se um desanimo por parte dos meninos no ensino fundamental e educação infantil, no tocante aos conteúdos escolares principalmente na leitura, o que suscita um olhar sensível para estes casos. Estes dados quantitativos da ABD, foram oriundos do período de 2013 a 2018.

Dentre os tipos de dislexia, podemos destacar, a dislexia fonológica, que de acordo com Schirmer, Fontoura e Nunes (2004) é aquela que o sujeito possui grande comprometimento nos aspectos de decodificação fonológica, na memória fonológica, e dificuldade na recepção de estímulos para o desenvolvimento das habilidades leitoras e escritoras. Outro tipo de dislexia, que se pode destacar é a dislexia superficial, que na visão de Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016) é aquela que o sujeito apresenta um déficit nas vias diretas de acesso, ou seja, um comprometimento no tratamento ortográfico daquilo que está lendo, ou das informações recebidas por meio escrito.

O ultimo tipo de dislexia, apresentado por Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016) é a profunda, quando acontece as dificuldades, nas vias fonológicas indireta e nas vias superficiais, diretas. Neste sentido, existem questões importantes a serem tratadas nos fatores etiológicos da dislexia, isto significa dizer que, entende-se por etiologia, a ciência que estuda a origem e o movimento de determinadas situações, ou seja, a dislexia, poderá ter sua origem em fatores genéticos, ou seja, heranças familiares, estes dados, acabam por ficar muito claros, nas pesquisas da Associação Brasileira de Dislexia (2020), onde 81% dos avaliados, possuem uma dislexia de cunho hereditário.

Ou ainda, outro fator etiológico é o adquirido, por dados por exemplo, no SNC – Sistema Nervoso Central, acidentes, dentre outros, até mesmo questões relacionadas a uma metodologia educacional não eficaz ou programa curricular que não dê conta de satisfazer as demandas pedagógicas e escolares dos estudantes, pode-se observar, que 19% dos avaliados pela Associação brasileira de Dislexia, estão nesta segunda categorização de aquisição e que não são oriundos de fatores hereditários.

No tocante a fatores educacionais e seus impactos, a dislexia do desenvolvimento, apresenta situações bem específicas, de caso para caso, contudo, existem parâmetros que podem ser observados, para iniciar um processo diagnóstico, pelos profissionais responsáveis (neurologista infantil liderando, com suporte multidisciplinar de outros profissionais, Psicopedagogos, neuropsicólogos, dentre outros).

Ainda discorrendo sobre tais aspectos educacionais principalmente no que concerne à sala de aula e a rotina educativa do dia-dia, o diagnóstico precoce, principalmente no início da educação básica é crucial para a eficácia do desenvolvimento de um programa de estimulação para desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita bem como da alfabetização como um todo, seja ela, geográfica, histórica, matemática, e assim por diante.

As principais dificuldades enfrentadas por estes estudantes durante este percurso de aprendizagem da linguagem – oral ou escrita, na perspectiva de Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016, p.142)

Confusões de letras com sons semelhantes (b/p; d/t; g/j); Inversões de sílabas ou palavras (par/prá; lata/alta); Leitura e escrita, muitas vezes incompreensíveis; Confusões de letras com diferente orientação espacial (p/q; b/d); Substituições de palavras com estrutura semelhante (contribuiu/construiu); Supressão ou adição de letras ou de sílabas (caalo/cavalo; berla/bela); Repetição de sílabas ou palavras (eu jogo jogo bola; bolo de chocolate); Fragmentação incorreta (querojo garbola/ quero jogar bola); Dificuldade para entender o texto lido.

Essas são só algumas das dificuldades enfrentadas por alunos que possuem dislexia, e que afetam diretamente a perspectiva da aprendizagem das linguagens, precisa-se entender a necessidade constante de um apoio escolar e de intervenções que façam a diferença e melhoramento nos desdobramentos que a dislexia possa perpassar no desenvolvimento do estudante, essas intervenções podem se dar com base em treinamentos, fonológicos, por meio de programas específicos, que podem ser incorporados até mesmo na rotina escolar do estudante, bem como apoio neuropsicológico e psicopedagógico.

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA PARA CRIANÇAS DISLÉXICAS

Para que se inicie a discussão acerca da consciência fonológica, é necessária a compreensão de que crianças com dislexia, possuem dificuldade para a aprendizagem da leitura e escrita, tendo em vista que possuem um déficit na aprendizagem da correlação da letra ou seja, sua grafia, com o som correspondente, neste sentido, existindo um grande esforço para construção, interpretação das frases, sendo todo este processo de alfabetização prejudicado.

Percebe-se ainda, grande dificuldade na sonoridade da leitura, leitura monossilábica, com pouca entonação, não conseguindo respeitar as questões gramaticais, e apresentam ainda um cansaço extremo nas leituras longas. A este respeito, não se pode exigir de um aluno disléxico por exemplo, a leitura em voz alta na frente dos demais estudantes da turma.

Para tanto, a linguagem, seja ela oral ou escrita é resultante de diversos processos neurais, fonológicos, semânticos, emocionais, quando uma destas variáveis estão em desacordo, o processo de leitura e escrita passará por problemas, estas variáveis, precisam atuar de forma conjunto para atribuir o significado a leitura daquilo que está escrito, “A leitura requer um processamento visual da palavra escrita (decodificação), seguido da compreensão de que estes

símbolos podem ser fragmentados em elementos fonológicos subjacentes e a partir disso, extrair seu significado” (DEUSCHLE E CECHELLA, 2009, p.195).

O sujeito para poder desenvolver a leitura e a escrita, precisará estabelecer e desenvolver a consciência fonológica, sujeitos com dislexia, apresentam dificuldades no desenvolvimento deste conceito tão importante, que subsidia, o conhecimento da correspondência fonema-grafema, e questões alfabéticas, por incrível que pareça, quando se fala em alfabetização, letramento, leitura e escrita, não se refere apenas a questões da alfabetização e aprendizagem do componente curricular da língua portuguesa, mas também dos demais, como exemplo, o da matemática. É importante salientar isso, tendo em vista as possíveis comorbidades oriundas do diagnóstico de dislexia.

Neste aspecto, de acordo com Martins (1994) entende-se por consciência fonológica, a consciência dos sons, que fazem a composição da fala e que corroboram com a aprendizagem da leitura e da escrita, corroborando com Martins (1994), Fletcher (2009) afirma que a consciência fonológica,

A consciência da estrutura fonológica da linguagem é a base para o reconhecimento preciso das palavras familiares necessárias para um nível básico de leitura, de compreensão leitora, de ortografia e de expressão escrita [...] quando a consciência fonológica se desenvolve, e a criança entende o princípio alfabético, ela passa a dominar o reconhecimento das palavras logo no início do processo de leitura [...] A principal tarefa da criança no desenvolvimento inicial da leitura e da escrita em uma língua alfabética é desenvolver um entendimento do princípio alfabético – a compreensão de que a fala pode ser segmentada em fonemas e que esses fonemas são representados na forma escrita (p.103)

Ainda neste aspecto, pode-se definir consciência fonológica, sendo:

De forma genérica o termo consciência fonológica tem sido utilizado para referir-se à habilidade em analisar as palavras da linguagem oral de acordo com as diferentes unidades sonoras que as compõem. Operacionalmente, a consciência fonológica tem sido estudada a partir de provas visando avaliar a habilidade do sujeito, seja para realizar julgamentos sobre características sonoras das palavras (tamanho, semelhança, diferença), seja para isolar e manipular fonemas e outras unidades suprasegmentares da fala, tais como sílabas e rimas (BARRERA; MALUF, 2003, p. 492).

Neste sentido, a consciência fonológica, bem estimulada em crianças disléxicas, corroborará com a aprendizagem da leitura e escrita, podemos por meio da consciência fonológica, mensurar por exemplo, de acordo com Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016) o nível funcional da leitura, o potencial e a capacidade de leitura, a extensão da deficiência de leitura, determinar as deficiências nas

habilidades de leitura, determinar possíveis disfunções neuropsicológicas, e desenvolvimento de estratégias de intervenção.

Pensar principalmente nas estratégias de intervenção suscita um olhar multidirecional nos demais fatores citados pelos autores, pois as estratégias serão desenvolvidas com base nos resultados das determinações e avaliações, isto significa dizer que por exemplo, se um sujeito, apresentar muita dificuldade em ortografar, e faz omissões de letras, deverá então, trabalhar uma estratégia psicopedagógica persistente sobre este déficit.

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO E ESTIMULAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA PARA ESCOLARES COM TRANSTORNOS DA LEITURA E ESCRITA.

Muitas crianças escolares, chegam ao ensino fundamental e nas séries seguintes, sem terem vivenciado e adquirido conhecimento acerca do processo fonológico, prejudicando todo o processo de alfabetização e letramento. As crianças disléxicas, acabam por sofrer mais em virtude dessa situação, tendo em vista que já possuem um transtorno de aprendizagem que faz com que habilidades sejam diminuídas e precisam ser estimuladas constantemente.

Neste sentido o desenvolvimento de um programa de estimulação da consciência fonológica se faz necessário principalmente para crianças que possuem dislexia, o intuito aqui não é padronizar uma rotina de trabalhos pré-estabelecidos, mas apresentar uma metodologia e papeis de trabalho que já resultaram em efeitos positivos em crianças com tal condição.

Neste sentido, por programa de intervenção em consciência fonológica, entende-se um aprofundamento das estratégias de estimulação, focando nas dificuldades específicas apresentadas pelo sujeito, todas as atividades, são pensadas e desenvolvidas com base em aspectos lúdicos, tendo em vista que o público-alvo, são crianças disléxicas, fazer com que o interesse seja despertado pelas atividades se faz de suma importância durante todo o processo. A tabela 01, apresenta o programa desenvolvido.

Tabela 01 – Programa de estimulação de consciência fonológica.

PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO				
SESSÃO	TAREFA	DESCRIÇÃO	LOCAL	TEMPO
O				

1 ^a	Avaliar as demandas iniciais e traçar o plano de estimulação.	Utilização de instrumento para avaliar a situação da consciência fonológica, por exemplo, o protocolo CONFIAS.	Espaço individualizado, poderá ser na escola ou em clínica psicopedagógica/psicológica.	1:30 h ou a depender da demanda do sujeito.
2 ^a	Brincando com rimas e musicalização	Trabalhar atividades com rimas, músicas, trabalhar questões voltadas aos dias da semana, dia, noite, dentre outros.	Espaço individualizado, poderá ser na escola ou em clínica psicopedagógica/psicológica.	1:30 h ou a depender da demanda do sujeito.
3 ^a	A arte e sua aplicação na separação silábica.	Criar quadros grandes, com sílabas escritas com letras garrafais, bem como letras, solicitar ao sujeito que forme sílabas e forme palavras, solicite ainda, que desenhe o que a palavra significa.	Espaço individualizado, poderá ser na escola ou em clínica psicopedagógica/psicológica.	1:30 h ou a depender da demanda do sujeito.
4 ^a	Trabalhando nomeação rápida.	Separação de letras, fonemas, números, figuras, animais, cores, e peça ao sujeito que nomeie o mais rápido possível, anote o tempo de cada sequência solicitada e verifique o progresso.	Espaço individualizado, poderá ser na escola ou em clínica psicopedagógica/psicológica.	1:30 h ou a depender da demanda do sujeito.
5 ^o	Comparando sons por meio de Atividade de aliteração	Identificação e repetição de fonemas que se repetem no início de várias palavras, poderão utilizar poemas, ou outros instrumentos, como jogos e bingos de aliteração.	Espaço individualizado, poderá ser na escola ou em clínica psicopedagógica/psicológica.	1:30 h ou a depender da demanda do sujeito.

6 ^a	Game Memória Fonêmica	Utilização do Game digital (Game Memória fonemas) o jogo possui 23 jogos com cada fonema da língua portuguesa.	Espaço individualizado, poderá ser na escola ou em clínica psicopedagógica/psicológica.	1:30 h ou a depender da demanda do sujeito.
7 ^a	Contação de histórias com Fonema	Utilização do instrumento (Contando Histórias com os Fonemas) além disso, poderá ser explorado fantoches, dedoches, dentre outros materiais que enriqueceram a contação de histórias.	Espaço individualizado, poderá ser na escola ou em clínica psicopedagógica/psicológica.	1:30 h ou a depender da demanda do sujeito.
8 ^a	Jogo I – Pingo no I	Utilização do baralho Pingo no I, para trabalhar formação de palavras que existem no dicionário.	Espaço individualizado, poderá ser na escola ou em clínica psicopedagógica/psicológica.	1:30 h ou a depender da demanda do sujeito.
9 ^a	Identificação de palavras que começam com mesma sílaba	Dê uma sílaba ao sujeito, e peça-que procure no meio de várias palavras a que comece com a mesma sílaba.	Espaço individualizado, poderá ser na escola ou em clínica psicopedagógica/psicológica.	1:30 h ou a depender da demanda do sujeito.
10 ^a	Identificação de palavras que são maiores.	Dê várias palavras, e solicite ao sujeito que busque palavras com duas, três, quatro e cinco sílabas, e peça-o que determine qual a maior.	Espaço individualizado, poderá ser na escola ou em clínica psicopedagógica/psicológica.	1:30 h ou a depender da demanda do sujeito.
11 ^a	Jogo: tira e põe sílaba	Utilização do Jogo Tira e põe sílaba, que trabalha a soma ou subtração de sílabas, bem como a correspondência	Espaço individualizado, poderá ser na escola ou em clínica psicopedagógica/psicológica.	1:30 h ou a depender da demanda do sujeito.

		de imagem com palavras que foram formadas.		
13 ^a	Verificação dos resultados após término do programa, reavaliar com os mesmos instrumentos que foram utilizados no primeiro dia de trabalho e comparar resultados e melhorias.	Pode-se utilizar o mesmo instrumento, ou ainda, fazer avaliação qualitativa das produções realizadas durante o programa.	Espaço individualizado, poderá ser na escola ou em clínica psicopedagógica/psicológica.	1:30 h ou a depender da demanda do sujeito.

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Trabalhar com jogos e ludicidade, faz com que o sujeito faça vivências que realmente tenham importância para ele, portanto, os jogos enquanto instrumento de avaliação e intervenção em consciência fonológica, faz com que este, treine as habilidades, neste aspecto, os jogos de linguagens, que exploram as questões, sonoras, ortográficas e semânticas, faz com que uma sensibilização ocorra e as habilidades estimuladas.

A eficácia do programa de estimulação da consciência fonológica, deverá ser medida, por meio dos instrumentos utilizados, observações e anotações durante todo o percurso, por exemplo, verificar ao fim de cada sessão, a forma como o sujeito iniciou e terminou, os resultados de cada sessão por meio dos jogos e estimulações. Ao fim de todo o programa fazer um balanço para verificar o progresso de cada estimulação dada ao estudante disléxico e seus benefícios. Para mensurar, a eficácia do programa, se pode estabelecer indicadores de desempenho, por exemplo, indicadores de separação silábica, indicadores de aliteração, indicadores de rimas dentre outros conforme a demanda de cada sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estimulação da consciência fonológica para crianças disléxicas, faz com que habilidades cognitivas, de linguagem, semânticas e fonoaudiológicas sejam estimuladas de forma adequada. A aprendizagem da linguagem por crianças com transtorno da dislexia, sempre é complexa e causa incômodos por parte da

criança, principalmente nos aspectos emocionais e a sensação de incapacidade de aprendizagem. Portanto desenvolver um programa de estimulação da consciência fonológica, com avaliação psicopedagógica utilizando o CONFIAS, bem como a intervenção durante as sessões com jogos e estratégias diversas faz com que o sujeito melhore o desempenho.

REFERÊNCIAS

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ROTTA, Newra Telleche; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e Multidisciplinar**. 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2016

ROTTA, Newra Telleche; PEDROSO, Fleming Salvador. Transtorno da Linguagem escrita: Dislexia. In: ROTTA, Newra Telleche; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e Multidisciplinar**. 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2016

ALTREIDER, Asta. **Dislexia: Varlando contra o tempo**. In: ROTTA, Newra Telleche; FILHO, César Augusto Bridi; BRIDI, Fabiane Romano de Souza. Neurologia e Aprendizagem: Abordagem Multidisciplinar. – Porto Alegre : Artmed, 2016.

FLETCHER, Jack M. et al. **Transtornos de aprendizagem da identificação à intervenção**. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

VIDERES, Jaqueline Patricia de Albuquerque. **Problematizações sobre distúrbios e dificuldades de aprendizagem na escola**. – João Pessoa: UFPB, 2017.

GARCIA, Afrânio da Silva. **O desenvolvimento da linguagem**. Disponível em:< <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/odesenvolvimento.htm>> acesso em 20 de dez de 2020.

CARVALHO, Christiane Souza de. **Linguagem e fonoaudiologia em psicopedagogia**. Indaial : UNIASSELVI, 2017.

SCHIRMER, Carolina R; FONTOURA, Denise R; NUNES, Magda L. **Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem**. Jornal de Pediatria - Vol. 80, N°2(supl), 2004

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **O que é dislexia**. Disponível em:< <https://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>> acesso em 20 de nov de 2020.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual dos transtornos escolares: Entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola.** Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

DEUSCHLE, Vanessa Panda and CECHELLA, Cláudio. **O déficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia: diagnóstico e intervenção.** *Rev. CEFAC* [online]. 2009, vol.11, suppl.2 [cited 2020-12-27], pp.194-200.

MARTINS, Cláudia Cardoso. **A consciência fonológica e a aprendizagem inicial da leitura e da escrita.** São Paulo: Caderno de Pesquisa, 1991.

BARRERA, S. D.; MALUF, M. R. **Consciência metalinguística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do Ensino Fundamental.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, n. 3. p. 491-502, 2003.